CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
13 de Setembro de 2022
JOÃO BOTELHO – FILMES SÃO HISTÓRIAS,
O CINEMA É A MANEIRA DE AS FILMAR

A MULHER QUE ACREDITAVA SER PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA / 2003

Um filme de João Botelho

Argumento: João Botelho, a partir de uma ideia de Leonor Pinhão / *Direção de fotografia (35 mm, cor, formato 1:66):* Inês Carvalho / *Cenários:* Catarina Amaro / *Figurinos:* Sílvia Grabowski / *Montagem:* João Botelho, João Filipe Marques / *Som (Dolby):* Philippe Morel (gravação), Waldir Xavier (montagem), Branko Neskov (misturas) / *Interpretação:* Alexandra Lencastre *(a Presidente)*, Rita Blanco *(Maria de Lurdes, a sua secretária)*, Laura Soveral *(a mãe da presidente)*, Lia Gama, Lídia Franco, Márcia Breia, Maria Emília Correia, Maria João Luís, Mina Andala, Rosa Lobato Faria e Sofia Leite *(as senhoras do comité)*, Suzana Borges *(a psicanalista)*, Paula Guedes *(a diretora da Vanity's)*, São José Correia *(Suzete, a criada)*, Patrícia Guerreiro e Concha Sachetti *(as gémeas)*, Io Apolloni *(a esteticista)*, Adelaide João *(a cozinheira)*, Helena Vieira *(a cantora),* Mrs. Meng *(a professora de chinês)*.
Produção: Madragoa Filmes, RTP / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm / *Duração:* 93 minutos / *Estreia mundial:* Lisboa (Centro Cultural de Belém), Março de 2003 / *Primeira apresentação na Cinemateca*.

****

O meu primeiro-ministro pensa que é presidente
dos Estados Unidos, os editorialistas pensam que estão
no Pentágono a decidir a guerra e a paz,
os jornalistas pensam que estão na CNN. É de loucos!
Reflete o desejo do mais forte.
João Botelho,
numa entrevista a *PJ7*, Março de 2003

No percurso de João Botelho, **A Mulher que Acreditava ser Presidente dos Estados Unidos da América** faz *pendant* com **Tráfico**, com o qual forma um díptico, devido a diversas semelhanças visuais e ao tom de farsa, que é acentuado em **A Mulher que Acreditava…**, atingindo o domínio do burlesco. Se na sátira que é **Tráfico** há pausas para a reflexão, momentos de recolhimento e um final comovente, em **A Mulher que Acreditava…** o ritmo é sempre rápido, nada se repete nem parece chegar ao fim e os personagens estão muitas vezes a correr, sem que se saiba bem por quê nem para onde. Toda a ação é marcada por uma agitação permanente, ao sabor das fantasias da protagonista, uma pequeno-burguesa lisboeta que não *sonha* nem *imagina* que é presidente dos Estados Unidos, *acredita* que o é, interiorizou e encarnou o seu delírio, ainda que em sonho. O tom de farsa burlesca reflete-se nos gestos mecânicos da protagonista, boneca em permanente representação, quase como se Botelho quisesse que a atriz assumisse a postura de um títere. E não apenas a protagonista, pois na primeira reunião das "senhoras do comité" (entre as quais uma sósia de Margareth Thatcher), Botelho está atento ao humor dos pequenos gestos, ao ritmo do corpo das atrizes, aos seus sorrisos, esgares e olhares elegantemente assassinos, de modo totalmente oposto ao naturalismo, num longínquo eco do cinema mudo cómico. Tudo no filme, do delírio controlado da narrativa, ao vestuário e aos adereços hilariantes, passando pelo modo de representação das atrizes, forma um todo coeso, pensado, conseguido.

A Mulher que Acreditava ser Presidente dos Estados Unidos da América começa com um fundo visual violentamente vermelho, sobre as palavras *era uma vez…*, situando-nos de imediato num domínio semelhante ao dos contos de fadas e sobretudo daqueles que foram contados pelo cinema de Hollywood de que Botelho, como qualquer cinéfilo, é sincero admirador, mesmo consciente das suas mentiras. Ele certamente pensou em **Women**, de

George Cukor, ao conceber um filme só com mulheres e cita inclusive uma das mais divertidas cenas daquele filme na sequência do ginásio, em que as mulheres fazem exercícios físicos sem deixarem por um minuto de disparar as suas coscuvilhices. Também a música parece a de um genérico em technicolor dos anos 50. Trata-se dos primeiros compassos de *America the Beautiful*, célebre canção/hino sobre a "América" (*"nome mítico dos Estados Unidos"*, dizia Roland Barthes), mas não estamos na "América" e sim em Lisboa, na confluência da rua Washington e das Escadinhas do Bairro América – e estes nomes não foram invenção de João Botelho. Aquela música à glória das belezas naturais e dos ideais americanos é usada sobre imagens de emporcalhadas ruas lisboetas, mostrando o contraste entre aquilo que se acredita ser e aquilo que se é. Essa sequência de abertura é ao mesmo tempo um preâmbulo e um comentário sobre o filme. A partir daí quase tudo se passa em espaços fechados - por toda a parte o poder político é recluso - em cenários perfeitos para o palácio de uma princesa/presidente imaginária. Se os cenários são belos e sóbrios, os adereços e o guarda-roupa são deliberadamente espalhafatosos, num gesto de crítica sardónica. Na sua primeira aparição, a presidente está no fim de uma sessão matinal com a sua esteticista e o penteado que dali resulta é um verdadeiro objeto cómico, assim como os seus *tailleurs* (salvo erro, o único tipo de vestuário que ela aceita), cada qual com uma cor mais berrante, de tomate, de gema de ovo, de espinafre, além das suas jóias, com destaque para um broche em forma de borboleta, quase do tamanho de uma mão. A partir daí, seguem-se uma série de peripécias em que a presidente, sempre atarefadíssima em não fazer nada, preside reuniões, recebe cidadãos e prepara as próximas eleições, enquanto a sua mãe, representante do hedonismo das velhas gerações, passa a vida na cama a fumar charros. Do ponto de vista da pura *mise en scène*, da música das imagens, o momento mais belo talvez seja a primeira reunião das senhoras do comité, em que começamos por ver apenas os pés das personagens, que dançam com ágil elegância, antes de, aos poucos, vermos os personagens na sua totalidade. Não há ação central, já que todos borboleteiam a esmo, há uma sucessão de pequenas narrativas, pois como diz Botelho na entrevista citada em epígrafe, *"as pessoas têm a mania que o cinema parte de uma narrativa, mas eu acho que não, é uma narrativa e outras coisas"*. São estas "outras coisas" que fazem de Botelho um dos muitíssimos cineastas de descendência godardeana, o que o faz inserir nos diálogos citações literárias que o espectador poderá reconhecer ou não, fragmentar a narrativa em diversas pequenas narrativas e em *outras coisas*. Isto permite-lhe fazer afirmações diretas e indiretas. No segundo caso estão o facto de a presidente aprender chinês (a língua do futuro dominador) e da senhora do comité que traduz para português e identifica o autor das frases em latim seja uma negra, numa flechada contra o racismo. No primeiro caso, estão a cena na cozinha (onde, da primeira vez que as vemos, as empregadas assobiam *A Internacional*) em que a cozinheira recapitula que a formação dos Estados Unidos baseou-se no genocídio dos índios e na escravidão dos negros assim como o momento em que uma das senhoras do comité, num jacuzzi, assinala o que há de absurdo sistema eleitoral americano. Botelho não se esquece de mostrar o célebre álbum de fotografias *Salazar na Intimidade* e uma imagem de Santa Comba Dão (que a presidente quer transformar numa metrópole…), estabelecendo um laço entre o fascismo de outrora e o de agora. Isto se passa no mesmo tom que o resto do filme, sem nada de pedagógico ou militante, pois em certos aspectos Botelho é mais próximo de Buñuel do que de Godard. No desenlace, logo a seguir a uma marcha apoteótica pelas Escadinhas do Bairro América e a rua Washington, ficamos a saber que, como num filme americano clássico, tudo fora um sonho. Mas na imagem final, como se a presidente não quisesse aderir à realidade, vemo-la com a sua fiel secretária no jardim do seu imaginário palácio, enquanto na banda sonora ouvimos *yodels* bávaros, quintessência do kitsch, que deixa o espectador com um sorriso, mas que também pode evocar o nacional-socialismo, nascido na Baviera: por detrás de alegres cantorias, como de abastados centros comerciais, pode haver efeitos nefastos, como se vê pelo facto da presidente declarar a dada altura que *"nunca deveria ter aprendido a pensar"*.

Antonio Rodrigues